



O ENSAIO E A ENSAISTA NOS MOVIMENTOS DO APRISIONAMENTO FEMININO

LEILIANE BOTELHO MARTINS¹; PROFª. DRª. MÍRIAM CRISTIANE ALVES²

¹*Universidade Federal de Pelotas – leiliane@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – oba.olorioba@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Quantas mulheres você conhece que estiveram dentro do sistema prisional brasileiro? Este estudo, construído em primeira pessoa, faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Psicologia, em andamento, e busca apresentar a você, leitora ou leitor, um universo julgado, desconhecido, silenciado, marginalizado e esquecido por muitas/os de nós: o sistema prisional feminino no Brasil. Eu só soube de sua existência, só o conheci, só olhei para ele, quando caí dentro dele e tive que encarar todo o peso que uma mulher que vivencia o aprisionamento institucional carrega. Esse mundo só passou a existir para mim, quando o conheci na pele, na carne, no corpo. E para você? Ele existe?

Enquanto estive no sistema prisional fui silenciada de várias formas e esse silêncio me causou um sofrimento tão intenso que quis “erguer a minha voz” (hooks¹, 2019, p. 38-39) e visibilizar as vozes de tantas mulheres que ninguém quer ouvir, tampouco escutar. Dessa dor nasceu a motivação para esse projeto de TCC.

Será que alguma dessas mulheres tem a oportunidade de rever esses momentos? Aqui me proponho a abrir caminhos àqueles e àquelas que queiram enxergar as mulheres que vivenciam o aprisionamento institucional para além das estatísticas, das reportagens divulgadas em jornais, dos delitos ou suspeitas de delitos. Pretendo contar as nossas histórias, através da minha própria história, transformando estatísticas em vozes, em polifonia, em versos que traduzam uma pequena parte de suas grandes trajetórias de vida.

Tenho aqui o objetivo de visibilizar vozes e trajetórias de vida de mulheres que vivenciam o aprisionamento institucional no sistema penitenciário brasileiro problematizando seus movimentos de (re)existência e insurgência em meio a violência institucional, assim como a afetividade e a sociabilidade em meio ao caos do aprisionamento. Vou explorar a dimensão da violência institucional onde o cárcere é, por si só, a punição definida na Lei, que conforme FOUCAULT (2012, p.18), não mais pune o corpo e sim a alma. Em seguida, convido você, leitor ou leitora, a refletir sobre a dimensão da afetividade, questão ignorada de “fora”² por considerar o “dentro”³ um ambiente inóspito. E, por fim, a dimensão social, refletindo questões relativas a fatores econômicos, culturais, incluindo as formas de interação que ocorrem no cárcere.

2. METODOLOGIA

Enquanto proposta metodológica, parto da experiência, da vivência no sistema prisional para me desafiar a construir um ensaio teórico, que segundo MENEGHETTI (2011) tem como sua característica mais elementar a originalidade. Uma originalidade ensaística que emerge de questionamentos e problematizações

¹ De acordo com a autora deve ser escrito em **letra minúscula**, representando seu desejo de dar destaque ao conteúdo de sua escrita e não à sua pessoa.

² Vocábulo utilizado para nomear local fora do ambiente prisional.

³ Vocábulo utilizado para nomear o ambiente prisional.



sobre uma experiência concreta vivenciada no cárcere. Nas palavras de MENEGHETTI (2011), “no ensaio a orientação é dada não pela busca das respostas e afirmações verdadeiras, mas pelas perguntas que orientam os sujeitos para as reflexões mais profundas” (p. 321). A proposta é uma nova forma de compreensão de realidades a partir de um lugar de enunciação em que me coloco como pesquisadora e, simultaneamente, objeto-sujeito da pesquisa; uma caminhada enquanto ensaísta e ensaio, a um só tempo.

Esse processo está sendo constituído em um misto de poesia com vozes ouvidas, memórias vividas, trajetórias sentidas em movimentos de (re)existências, insurgências, afetividades e a sociabilidades que vivi ao lado de mulheres em aprisionamento institucional. Trago minhas próprias memórias na forma de cenas de vida e, assim, provoco reflexões sobre os movimentos e lutas pelo existir no sistema prisional. Retomo áudios e o diário de campo produzidos em 2014, quando estive do outro lado das grades, quando o sistema prisional capturou meu corpo, me fazendo um número na estatística. A transcrição dos áudios, os documentos produzidos juntamente com o diário de campo serão tomados em análise narrativa.

De acordo com TELLES (1999), na análise narrativa o que importa é a construção de significados e o estabelecimento de relações e reflexões oriundas das histórias, em um movimento que as transformam em objeto e método ao mesmo tempo. “Objeto porque é nela que os esforços se concentram para se chegar a uma compreensão mais concreta da experiência. É, também, método, porque é pela narração que os significados são construídos” (TELLES, 1999, p. 89). A análise narrativa favorece a aproximação e a interpretação da realidade social e das experiências subjetivas, neste caso da pesquisadora e participante da pesquisa, a fim de compreender o(s) significado(s) dos elementos simbólicos que constituem a experiência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O sistema prisional possui diferentes representações em um mesmo espaço, além de poder e autoridade do Estado. O sistema carcerário é um espaço de arenas de conflito, negociação e resistência, além disso se revela como um espaço de reprodução da violência, do abandono e do sofrimento, minando as formas de vida da forma mais perversa (AGUIRREM, 2012; SANTOS, 2018).

Estudar as experiências das mulheres em aprisionamento nunca foi politicamente relevante, “de maneira que, no discurso criminológico competente atual, a mulher surge somente em alguns momentos. Mas, no máximo, como uma variável, jamais como um sujeito” (MENDES, 2012, p. 184). E quem são essas mulheres? O DEPEN (2020) divulgou, no que diz respeito a raça/cor, que 67,39% das mulheres se autodeclararam negras (pretas e pardas) e 31,54% como brancas e percentuais bem menores como indígenas 0,25% e amarelas 0,81%.

Essa informação me remete a um estudo realizado no Distrito Federal com presas cumprindo Medida de Segurança, de DALPOSSO (2013) onde uma das entrevistadas ao ser questionada sobre sua raça declarou “eu gosto de ser branca”. A frase atravessa o próprio conceito do que é ser negra na sociedade e dentro do mundo do aprisionamento institucional e o que é ser branca neste mesmo contexto.

A violência não acaba no aprisionamento, para GAUER, NETO e PICKERING (2012), nesse contexto, ela se ramifica e está presente de várias formas incluindo o próprio sistema prisional. Ainda segundo os autores “violência significa o constrangimento moral, uso da força, coação, torcer o sentido do que foi dito,



estabelecer o contrário do direito à justiça” (GAUER, NETO e PICKERING, 2012, p. 92).

A violência institucional prisional terá consequências diversas em cada sujeito, contemplando privações e rituais de desapropriação da própria identidade; a “prisão não é apenas privação de liberdade: é, antes de tudo, a impossibilidade de dirigir a própria vida” (GAUER, NETO e PICKERING, 2012, p.101). Sendo assim a mulher em aprisionamento institucional não tem o direito de sofrer, de questionar, em um misto de carências materiais e emocionais, desesperança e violência, que tem origem no “fora”, mas se cronificam no “dentro”.

As construções poéticas, relatos e lembranças narradas no TCC reascendem movimentos de (re)existência que segundo ASPIS (2018) nada mais são do que a insistência em existir, reincidência na existência. Perfeitamente aplicável na vida em aprisionamento onde a cada tentativa de coisificação, de massificação, de assujeitamento e desapropriação de si, tratamos de insistir em existir. Assim, levo você, leitora ou leitor, aos caminhos do aprisionamento institucional, desde que soube que não seria só um depoimento na delegacia de polícia e que por ser mulher, não poderia cumprir a prisão provisória dentro do complexo da polícia civil: “*Você será levada para o presídio, depois de passar pelo exame de corpo de delito, aproveite o tempo que está aqui, que lá é o inferno*” – ouvi, depois de horas de depoimento.

Como ser resistência? Existir? Quando se deixa de ser uma “cidadã de bem” para ser parte da massa carcerária, da superlotação, da bandidagem, da página policial, do noticiário de TV. “Será que as pessoas passariam a presumir coisas sobre sua vida na cadeia até mesmo dentro de sua própria casa?” (QUEIROZ, 2020, p. 267).

Ir de encontro a um poder estabelecido, comportar-se de um modo diferente do estabelecido pelo poder dominante, esse é o significado de insurgir (DICCIONARIO BRASILEIRO GLOBO, 2003). Muitas mulheres que estavam naquelas celas, junto comigo, não sabem o que essa palavra significa, mas vivem seu significado na prática. São várias as regras a serem obedecidas, a mais recente: usar uniforme. Antes, alguns tipos de roupas eram proibidos, agora só um tipo é permitido (DINIZ, 2015). Ainda assim elas se arrumavam com o que era possível na escassez das celas, para serem reconhecidas na imensidão de calças laranjas que andavam pelo pátio. A vaidade resistia, existia, refirmando cada existência singular.

PADOVANI (2015) traz uma nova perspectiva em relação aos afetos, a prisão aparece como espaço produtivo de relações onde os vínculos criados modificam as trajetórias de vida, mudando a vida em muitos aspectos e também através dos elos de afeto trazidos pela rotina das celas, pavilhões e filas de visitas. “*Na primeira noite quando acordei pela manhã abri os olhos e tinham outros olhos me observando, de cima da jega⁴; ela me olhava como se eu fosse um objeto estranho, mas eram olhos de afeto e admiração, ela me disse que eu parecia um anjo acordando...me deu um pacote de biscoito...*” (Diário de Campo, 2014, DF).

Ainda que eu estivesse na mesma situação de aprisionamento das demais, eu não era como as demais, carrego em mim o privilégio de um corpo branco, onde o corpo negro, de mulheres negras, é o comum, é o esperado. Percebi esse cuidado com minha branura em vários outros momentos do cárcere. Uma mulher negra que estivesse na mesma situação que eu, com a mesma escolaridade, acusada pelos mesmos crimes teria o mesmo despertar afetivo das companheiras de cela?

⁴ Cama de concreto disposta em beliches.



No aprisionamento institucional as pessoas se movimentam, restauram laços (re)desenhando afetos, tecendo os fios de uma rede que reconfigura desejos, prazeres e corporalidades, “na cadeia, resistência é substantivo e verbo, sobrevivência é arma de ponta afiada” (SANTOS, 2018. p. 17).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio, em construção, não idealizou buscar respostas nem generalizações, mas conduzir você e a mim, a reflexões sobre o aprisionamento institucional feminino em um processo de construção dialógica. Estou percorrendo os caminhos do cárcere no sistema prisional feminino, resgatando memórias, enunciando vozes silenciadas, relacionando obras e pesquisas que, mesmo em sua forma “clássica”, tentaram aproximar a vida acadêmica à vida marginal, buscando aproximar você, leitor ou leitora, do universo ignorado e esquecido do aprisionamento feminino, de forma singular.

Não houve aqui a intenção de teorizar ou romantizar a vida em situação de aprisionamento, e sim abrir uma porta para você ouvir o que há além dos muros e das grades, a partir do meu *locus* social, de uma mulher branca que jamais imaginou estar no lado de dentro das grades, um lugar marcado pela presença majoritária de corpos negros, imersos na violência racista e sexista.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIRREM, C. (2012). O cárcere na América Latina, 1800-1940. In: MAIA, Clarissa Nunes et al. **História das prisões no Brasil**. Rio de Janeiro, Rocco, v.1, 2012.
- DINIZ, D. (2015). **Cadeia: relatos sobre mulheres**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- FOUCAULT, M. (2012). **Vigiar e Punir**. 40 ed. Petrópolis: Vozes.
- GAUER, G. J. C.; NETO, A. C. e PICKERING, V. L. (2012), Realidade do indivíduo na prisão: Considerações sobre violência. In: GAUER, Ruth Maria Chittó (org.). **Criminologia e sistemas jurídico-penais contemporâneos**. Porto Alegre, PUCRS, pp. 89-104.
- hooks, b. (2019). **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Editora Elefante.
- MENDES. S. R. (2012) **Repensando a criminologia: reflexões sobre um novo paradigma desde a epistemologia feminista**. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Direito da Universidade de Brasília, PPG/FD/UnB.
- MENEGUETTI, F. K. (2011) O que é um Ensaio-Teórico? **Revista de administração contemporânea**, vol. 15, núm. 2, p. 320-332.
- PADOVANI, N. C. (2015) **Sobre casos e casamentos: afetos e “amores” através de penitenciárias femininas em São Paulo e Barcelona**. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas.
- QUEIROZ, N. (2020). **Presos que menstruam**. 12. ed. Rio de Janeiro: Record.
- SANTOS, L. D. P. B. (2018). **Sexualidades encarceradas: Afetos, desejos e prazeres no cotidiano do cortiço-prisão feminino do interior pernambucano** (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco).